

# Criação de Bovinos de Corte no Estado do Pará



**Embrapa**

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

## **Criação de Bovinos de Corte no Estado do Pará**

José Ferreira Teixeira Neto  
Norton Amador da Costa

Editores-Técnicos

Belém, PA  
2006

# Cadeia Produtiva da Pecuária de Corte no Estado do Pará

---

*Norton Amador da Costa*

*José Ferreira Teixeira Neto*

*Célio Armando Palheta Ferreira*

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

Define-se **cadeia produtiva** como sendo o conjunto de atividades econômicas que se articulam progressivamente desde as fases iniciais da elaboração de um produto até a colocação do produto final junto ao consumidor. Isso inclui desde as matérias-primas, insumos básicos, máquinas e equipamentos, componentes, produtos intermediários até o produto acabado, a distribuição, a comercialização e a colocação do produto final junto ao consumidor, formando **elos** de uma corrente (Lírio, 2002).

A cadeia produtiva da pecuária de corte no Estado do Pará é formada por seis segmentos interrelacionados, a saber: fornecedores de insumos; produção primária; captação; indústrias processadoras; distribuição e comercialização; consumidores.

Além desses, existem órgãos que influenciam toda a cadeia produtiva: governo; associações de classe; instituições de ensino e pesquisa, extensão rural; sistema financeiro e outros. As políticas governamentais, em especial as de comércio exterior, o sistema financeiro, os sistemas de inspeção sanitária/ transporte e de pesquisa e desenvolvimento e, sobretudo, as associações de classe devem estar atentas para prestar todo o apoio à organização da cadeia de pecuária de corte do Estado do Pará (Fig. 1).

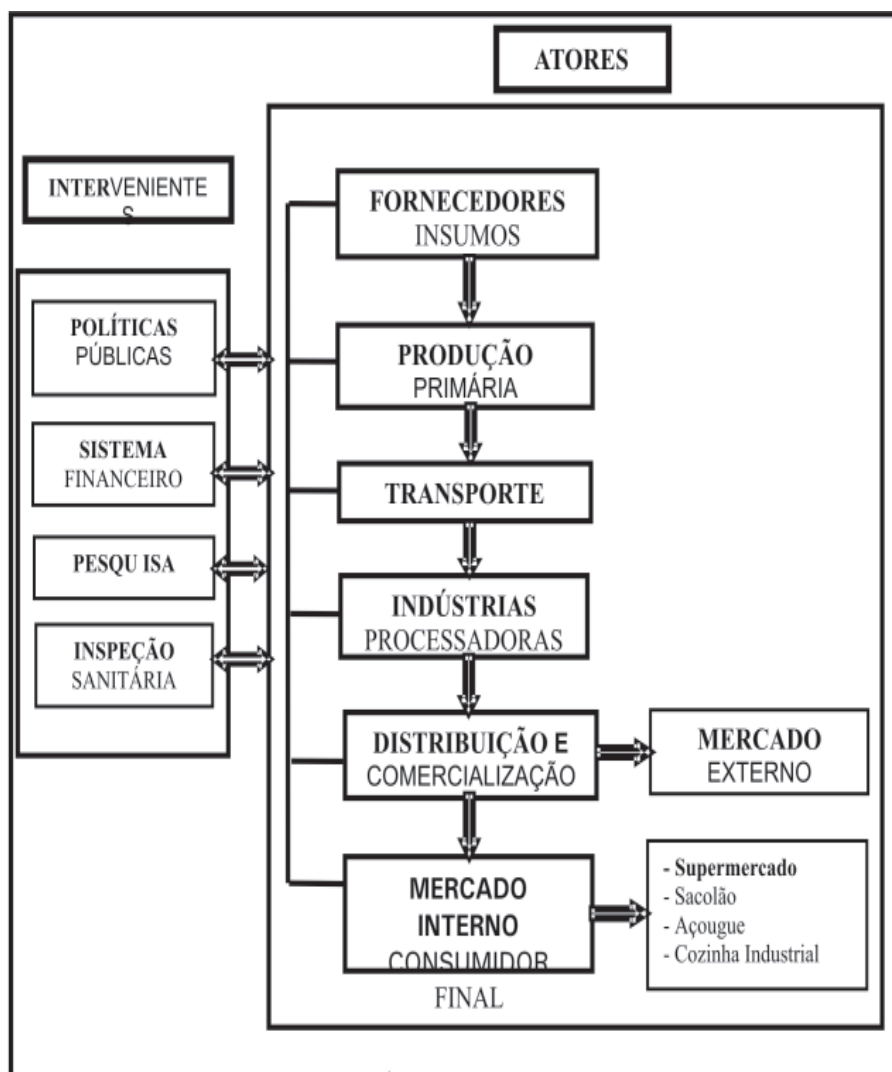


Fig. 1. Componentes da cadeia produtiva da pecuária de corte do Estado do Pará.

Fonte: Adaptado de Lúrio (2002).

## Fornecedores de insumos

Fornecem todos os tipos de insumos necessários para os demais segmentos da cadeia produtiva. Fazem parte desse segmento as empresas de sementes, rações, fertilizantes, produtos veterinários, animais, veículos, máquinas, equipamentos, embalagens, prestadores de serviços, assistência técnica e outros.

Lamentavelmente, enquanto os preços praticados pelos diversos segmentos da cadeia produtiva são determinados por fatores diversos, o da maioria dos insumos está inexoravelmente atrelado ao dólar (fertilizantes, medicamentos veterinários, por exemplo) ou, ainda pior: sujeitos a uma correção perversa bem acima da inflação (serviços públicos, impostos, combustíveis, etc.). Como consequência, a produção primária, principalmente, tem sido forçada a aumentar continuamente sua eficiência produtiva.

O ponto forte da pecuária do Estado do Pará é que o principal insumo para obtenção do produto final é a energia solar, transformada em energia química pelas plantas forrageiras, numa primeira instância e, a seguir, em um segundo processo, pelos ruminantes, em proteína de alta qualidade para alimentação humana, a carne. Em termos anuais, as regiões tropicais têm maior oferta de energia solar que as de clima temperado. O segundo maior insumo é a água, que participa com cerca de 90% da carne bovina. Por estar em uma região tropical úmida, o Estado do Pará também é privilegiado na obtenção desse componente. Solos com boas propriedades físicas, embora requerendo monitoramento cuidadoso dos nutrientes, principalmente o fósforo, asseguram a longevidade produtiva das pastagens, desde que sejam observadas as regras de manejo.

## Produção primária

O Estado do Pará, possuidor do 5º maior rebanho bovino do País, com 17 milhões de cabeças e em crescimento acelerado, apresenta uma pecuária de corte baseada em pastagens cultivadas de boa produtividade, principalmente nas Regiões Sul e Sudeste. Mantido o crescimento relativo atual, o Pará deverá ser detentor do maior rebanho bovino do País, até o ano 2010. Um rebanho bovino projetado de 2 milhões de cabeças para 2004, contrastando com uma população humana de 7 milhões de habitantes predestinam o Estado do Pará a ser o maior exportador de carne bovina, do País.

A Embrapa vem preconizando um programa de carne/couro de qualidade com uma estratégia de se passar a produzir alimento em vez de simplesmente boi gordo, a qual se disponibilizaria para o produtor um boi novo, com carne macia (inclusive o dianteiro) e capa de gordura uniforme, em lugar do atual boi de 19/20 @, preferido e premiado, quando não imposto pelos abatedouros frigoríficos do Estado do Pará, por reduzir custos no transporte e na linha de abate, deixando para segundo plano o interesse maior do consumidor, um produto de alta qualidade.

Atenção particular deve ser dada ao couro bovino como embalagem do produto carne, pois quando se danifica a embalagem, muitas vezes se atinge o produto. Atualmente, o Brasil perde cerca de US\$ 500 milhões anualmente, na forma de couros de baixa qualidade, sendo que 60% dos danos causados ao couro ocorrem num período de 3 a 4 anos, dentro da fazenda e 40% em cerca de 72 a 96 horas, transcorridas entre a saída do boi da fazenda e a chegada do couro ao curtume (Tabela 1). Alguns desses danos são propositais, como a marcação a ferro quente em locais proibidos, sob alegação que o frigorífico não remunera o couro, pelo menos em separado, na conta de venda. Entretanto, alguns frigoríficos já estão remunerando melhor o boi com couro sem defeitos. Uma vantagem é que no Estado do Pará não ocorre a berne, responsável por grande parte dos prejuízos causados ao couro no restante do País.

**Tabela 1.** Origem e percentual dos defeitos encontrados no couro bovino do Brasil.

| Localização                                                                   | %  |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Dentro da propriedade                                                         | 60 |
| Ectopasitos (berne, bicheira, mosca do chifre, etc.)                          | 40 |
| Manejo inadequado (marcação a ferro em partes nobres, ferrão pontiagudo, etc) | 10 |
| Arame farpado, galhos, e espinhos                                             | 10 |
| No transporte do animal                                                       | 10 |
| Uso de guizos pontiagudos ou rosetas                                          | 4  |
| Carrocerias com madeiras quebradas, cantos vivos, pontas de pregos/parafusos  | 6  |
| No frigorífico                                                                | 25 |
| Esfola mal feita durante o abate                                              | 10 |
| Má conservação do couro                                                       | 15 |

Fonte: Braspelco.

Como consequência, na Tabela 2 é mostrada a situação atual do couro bovino no Brasil e nos Estados Unidos da América, e o desperdício que aqui é praticado. Sem considerar ainda os empregos que poderiam ser gerados pela industrialização do couro no País.

Outra informação que deve ser observada é a contida na Tabela 3, na qual fica patente o valor relativo entre 1 boi gordo e os diversos valores de 1 couro, após diversos graus de industrialização. Surpreendentemente, um couro transformado em calçados pode valer mais do que um boi gordo.

As limitações impostas pela legislação para controle da febre aftosa, proibindo a saída de boi em pé e carne com osso, têm facilitado a ditadura branca, com formação de cartel, pelo setor industrial sobre o da produção primária. Têm contribuído, também, para pressionar para baixo, os preços do boi gordo, em cerca de 20%. Como a maioria dos frigoríficos do Pará já atua também no setor de distribuição no sudeste do País, onde a carne atinge melhores preços, tem operado com larga vantagem em relação aos concorrentes, que adquirem e abatem bois de regiões já livres de aftosa, mesmo que com vacinação, por preço bem mais elevado.

**Tabela 2.** Classificação do couro bovino do Brasil e dos Estados Unidos da América.

| Tipo                                     | AA         | A         | B          | C         | C         | EI        | TOTAL      |
|------------------------------------------|------------|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|------------|
| Produção anual Brasil                    |            |           |            |           |           |           |            |
| Valor-US\$                               | 2.560.000  | 7.040.000 | 11.200.000 | 8.000.000 | 2.240.000 | 960.000   | 32.000.000 |
| %                                        | 8          | 22        | 35         | 25        | 7         | 3         | 100        |
| Produção anual Estados Unidos da América |            |           |            |           |           |           |            |
| Valor-US\$                               | 30.600.000 | 3.600.000 | 0          | 0         | 0         | 1.800.000 | 36.000.000 |
| %                                        | 85         | 10        | 0          | 0         | 0         | 5         | 100        |

**Tabela 3.** Valor relativo entre o boi gordo e o couro em diferentes fases de industrialização.

| <b>Produto</b>                                               | <b>US\$</b> | <b>US\$</b> |
|--------------------------------------------------------------|-------------|-------------|
| 1 Boi gordo                                                  |             | 320         |
| 1 Couro cru                                                  | 25          |             |
| 1 Couro Wet blue                                             | 40          |             |
| 1 Couro semi-acabado                                         | 60          |             |
| 1 Couro acabado                                              | 80          |             |
| 1 Couro acabado transformado em sapatos (25 pares x US\$ 14) | 350         |             |

Fonte: CICS (Couro Brasil, 1999)

Adoção da tecnologia disponível por maior número de produtores e de métodos de gestão empresarial e organização, são fatores que reforçarão ainda mais a posição do produtor como ator da cadeia produtiva. O produtor do Estado do Pará, assim como de grande parte dos Estados da Região Norte, tem condições excepcionais para produzir competitivamente carne de alta qualidade a pasto, trabalhando a imagem do boi verde e do boi orgânico, com rastreabilidade e certificação, a qual terá mercado cada vez mais promissor.

Também é de fundamental importância que o pecuarista se organize para fazer a comercialização em grupo, por contratos de médio/longo prazo, com preço fixo. Uma alternativa é atuar nos elos de industrialização e distribuição, por intermédio de abatedouros próprios ou contratados como prestadores de serviços.

***União e organização do segmento, gestão empresarial traduzida em uso de tecnologia, elevada eficiência produtiva, produtos de alta qualidade e comercialização em grupo, são os caminhos para que os investimentos na melhoria dos produtos carne/couro retornem ao produtor.***

## Transporte

É o segmento responsável pela condução dos animais, desde as propriedades até as indústrias, e destas aos distribuidores. A grande dispersão geográfica das propriedades e a extensa e mal cuidada malha viária utilizada pelos transportadores são os maiores entraves desse segmento da cadeia produtiva.



Tal atividade tanto é executada pelas indústrias compradoras da matéria-prima quanto pode ser terceirizada pelo produtor ou pelo comprador. Nos últimos anos, os frigoríficos têm se deslocados dos grandes centros urbanos para as zonas de produção de boi gordo, amenizando o problema pela diminuição das distâncias. Mesmo assim, principalmente durante a estação chuvosa, há grande dificuldade para retirar o gado de muitas fazendas.

É recomendado treinamento para vaqueiros, condutores e produtores, objetivando melhorar o manejo do rebanho, adequando as instalações zootécnicas, diminuindo escoriações e estresse desnecessário aos animais.

Já o transporte da indústria para as distribuidoras requer veículos frigorificados, de custo bem mais elevado, que tem sua vida útil sensivelmente reduzida, pelo péssimo estado das rodovias, principalmente as federais, encarecendo substancialmente o frete. Infelizmente, os transportes ferroviário e hidroviário não existem. Os governos têm que fazer a sua parte.

## **Indústrias processadoras**

São os frigoríficos, curtumes e as indústrias que utilizam os ossos dos animais como insumo.

Atraídos pelo volume de produção atual e pela perspectiva de crescimento, existem hoje, no Estado, 20 frigoríficos legalizados, sendo 9 com Serviço de Inspeção Federal (SIF), e mais 4 em construção, que estão se modernizando para atender às exigências do mercado externo, sem descuidar do potencial do mercado interno, com consumo reprimido pelo baixo poder aquisitivo da população de menor renda.

Aproveitando-se de um fator provisório das restrições de exportação do boi em pé, por causa da legislação sobre febre aftosa e o excesso de oferta no Estado, os preços praticados estão bem aquém dos do sudeste do País (cerca de 20%), embora a carne desossada do Estado do Pará seja comercializada a partir de distribuidoras dos frigoríficos locais montadas no Rio de Janeiro e São Paulo. Atualmente, o produtor que se esforçar para produzir um novilho precoce ou superprecoce será punido na hora da comercialização, recebendo um preço inferior. Hoje, cerca de 60% da carne bovina chega ao consumidor por intermédio das redes de supermercados, que ditam os preços e condições muitas vezes exorbitantes para os frigoríficos, obrigando aos mais organizados a atuar também no segmento da distribuição.

A implantação de distribuidoras pelos frigoríficos paraenses em outras regiões brasileiras foi também uma medida defensiva contra o atual e mais poderoso elo da cadeia produtiva da pecuária de corte do Estado do Pará: as grandes redes de supermercados, algumas internacionais, que atuam também no setor de distribuição e até mesmo de exportação.

Agregar valor por intermédio da produção de carnes industrializadas é outra alternativa ainda pouco praticada pelos frigoríficos, que permitirá também elevar o nível de emprego de mão-de-obra capacitada nas regiões produtoras de boi gordo, onde se localizam os frigoríficos.

Um dos subprodutos mais importantes comercializados pelos frigoríficos é o couro. Atualmente, no Pará, existem 5 curtumes, sendo 3 em Belém, 1 em Conceição do Araguaia e 1 em Redenção, que processam cerca de 90.000 peças por mês, até o primeiro estágio, chamado de “wet blue”. Desses, 3 estão fazendo adaptações para que possam processar o couro até o segundo estágio, que é semi-acabado e acabado.

## **Distribuição e comercialização**

Segmento responsável pela venda no atacado, que tende a desaparecer, tendo sua função desempenhada pelos elos vizinhos, as grandes redes de supermercados e os frigoríficos, praticamente obrigados a entrar na área de distribuição, por questão de sobrevivência. Nesse segmento, estão ainda as grandes redes atacadistas com seus centros de distribuição e as firmas exportadoras.

Hoje, cerca de 60% da carne bovina chega ao consumidor pelas redes de supermercados, que ditam os preços e condições muitas vezes leoninas para os frigoríficos. Colocar um ator, até hoje ausente e mudo (o consumidor), exigindo qualidade, carne macia, sem excesso de gordura e rasteada (alimento em vez de boi gordo), para opinar, é uma alternativa interessante para começar a estabelecer um equilíbrio salutar.

Dada a estabilidade do preço do boi, é possível estabelecer contratos de médio prazo, com preços fixos, que evitem uma barganha desgastante a cada operação de venda e tranquilidade no fornecimento, para as partes envolvidas. A venda a crédito é outro fator que permite estimar que os supermercados tenderão a aumentar ainda mais seu percentual na comercialização da carne.

***Não existe cadeia produtiva forte com elos fracos.***

***O princípio fundamental e elementar de qualquer negócio é de que deve ser bom para as partes envolvidas.***

***Deve ser adotada uma estratégia inteligente que fortaleça todos os segmentos da cadeia produtiva para substituir o atual estágio de “beligerância amigável” entre os componentes e intervenientes da cadeia produtiva da pecuária de corte do Estado do Pará.***

## Consumidores

Representado pelo consumidor final dos produtos e subprodutos, indústrias de alimentos, cozinhas industriais e outros.

É o elo silencioso da cadeia produtiva que, quando ciente de seus direitos tem demonstrado capacidade de lutar pelos mesmos. Sistemáticamente vem se organizando para defender seus interesses. Considerando que a qualidade da carne é importante para a saúde e a qualidade de vida o comércio varejista deveria se antecipar em ofertar carne de melhor qualidade, antes que seja cobrado para tal, pelo consumidor.

O consumo de carne bovina tem relação direta com a renda da população, principalmente a de menor renda. Pesquisas realizadas pela MB Associados mostraram que o aumento na renda do consumidor de ordem de 10%, aumentará o consumo de carne na mesma proporção. Essa relação ocorre, principalmente com consumidores que recebem até 5 salários mínimos mensais.

Entre os anos de 1995 e 2003 o consumo anual de carne bovina do Brasil caiu de 42,6 para 35,3 kg por habitante. O aumento das exportações e a concorrência com outras fontes de proteína, principalmente a carne de frango, também influenciaram na diminuição.

## Intervenientes

### Políticas públicas

Se o Brasil inteiro se ressentia da falta de políticas governamentais estáveis e duradouras, a pecuária da Amazônia, incluindo a do Estado do Pará, tem sofrido pressões por todos os lados, a maioria delas absurdas e injustificáveis, por conta de interesses escusos e inconfessáveis, a serviço das correntes contrárias a qualquer atividade que promova o desenvolvimento na região.

O governo federal mostra grande indecisão exemplificada pela prorrogação por vários anos seguidos de uma medida provisória insubsistente que limita a 20 % a utilização de propriedades rurais em área de floresta tropical úmida. Outro exemplo é a atual indecisão sobre o plantio de transgênicos no Rio Grande do Sul.

A falta de segurança no campo é outro fator extremamente preocupante, onde se permite que pretensos movimentos de reforma agrária pratiquem todo o tipo de crimes desde a invasão de propriedades privadas a roubos e assassinatos, impunemente.

Os exageros dos órgãos que fiscalizam as relações de trabalho, classificando como escravidão trabalho eventual, sob regime de empreitada, sem contrato de trabalho formal pela assinatura de carteira, exigindo ainda condições de alojamento que dificilmente são encontradas em uma área de fronteira agrícola.

Maiores ainda são as pressões dos movimentos ambientalistas que se esmeram a inventar sofismas com aparente, porém falsa base científica, que com o tempo vem sendo desmascarados. Essas correntes não conseguem visualizar a pecuária de alto nível que vem sendo praticada na fronteira consolidada, com pastagens formadas há mais de 40 anos e produtivas, graças ao uso de tecnologia. Esquecem também que não se faz preservação ambiental com população com renda aquém do mínimo necessário, para sobrevivência condigna. Finalmente, não consideram que a pecuária é o maior empregador do Estado, com cerca de 400.000 empregos diretos dentro das fazendas. Considerando toda a cadeia produtiva esse número é multiplicado significativamente.

## Sistema financeiro

É extremamente burocratizado dependendo de uma infundável relação de documentos, capaz de fazer a maioria dos tomadores de crédito de desistir por antecipação.

Os custos também são elevados para obtenção da documentação exigida, pois cada repartição acha que deve funcionar como repartição arrecadadora.

## Pesquisa

Existe atualmente tecnologia para quintuplicar a produtividade da pecuária moderna em relação a tradicional. É extremamente preocupante o destino da pesquisa agropecuária na Amazônia. A Embrapa Amazônia Oriental é a única unidade da Região Norte que ainda tem equipe de pesquisa em produção animal. Ainda assim, cansada e desestimulada, sem recursos para trabalhar e pior ainda em véspera de aposentadoria, com renovação de quadro zero. Ainda mais, já há quem afirme que a Embrapa já cumpriu sua função e que daqui em diante a pesquisa deverá ir para as universidades, esquecendo que as mesmas, em geral, mal conseguem desempenhar sua função principal de ensinar. Qualquer analista atento percebe que está em andamento um processo de desmonte da Embrapa, com patrocínio externo, pela mesma não ter sido perdoada por elevar o Brasil a grande produtor de alimentos e concorrente competitivo dos chamados países ricos, que se julgam os donos do mundo.

## Inspeção sanitária

O Estado do Pará tem dedicado especial atenção para o problema sanitário. Foi criada uma agência de defesa sanitária animal e vegetal, dotada de meios e agilidade para dar especial atenção ao assunto.

Tem sido desenvolvido considerável esforço para erradicar a febre aftosa. É importante que se intensifique o controle das demais zoonoses, não só para melhorar a qualidade do produto, mas, também, para evitar que em futuro próximo se transformem em entraves a comercialização, principalmente para o mercado externo.

O pecuarista foi punido exemplarmente pelo descaso em relação ao controle da febre aftosa. É de se esperar que a lição tenha sido mui bem aprendida, para que não se repita o mesmo com a brucelose e tuberculose.

A liberação de uma zona livre com vacinação no Estado do Pará vai dar outra dimensão à pecuária paraense, sobretudo diminuindo a diferença de preço em relação ao boi das outras regiões, liberadas anteriormente.

***O ecossistema amazônico, e em particular o do Estado do Pará, possibilita condições para produção sustentável de carne a pasto, com alta competitividade, em âmbito internacional.***

***O funcionamento efetivo da Câmara Setorial da Pecuária de Corte é extremamente importante para a organização da Cadeia Produtiva do segmento em nosso Estado, para encontrar soluções inteligentes que assegurem a estabilidade de cada um dos atores.***

## Referência Bibliográfica

LÍRIO, V.S. Proposta metodológica para o estudo de cadeias produtivas agroindustriais. In: CARDOSO, E. E.; LIMA, E.C.N.Z. (Ed.). **Reuniões técnicas sobre couros e peles: palestras e proposições**. Campo Grande: Embrapa Gado de Corte, 2002. p.73-83. (Embrapa Gado de Corte. Documentos, 127).